## Cinco séculos de História

As necessidades das populações motivaram, desde muito cedo, o aparecimento de iniciativas assistenciais no nosso país. Foram apoiadas por ordens militares e religiosas, por municípios, confrarias, particulares, por reis e rainhas.

A 15 de Agosto de 1498, surgiu em Portugal, por iniciativa de D. Leonor, a Irmandade de Invocação de Nossa Senhora da Misericórdia.

Os irmãos comprometiam-se, segundo documento confirmado pelo Papa Alexandre VI, a cumprir 14 obras de misericórdia (7 corporais e sete espirituais) referidas no Evangelho de São Mateus.

Deveriam conceder apoio aos órfãos abandonados, aos que morriam na indigência, ampar as viúvas, dar abrigo e tratamento aos enfermos, guarida aos peregrinos, conforto religioso aos que padeciam...

Nasceu assim a Santa Casa de Lisboa, e tomando-a como exemplo outras surgiram pelo país. Chegou a existir mais de meio milhar no território continental, arquipélagos da Madeira e Açores e Ultramar.

Ao longo dos tempos as misericórdias, tiveram percursos diferentes. Muitas sobreviveram, outras estão desactivadas e outras, por iniciativa de grupos de irmãos, foram revitalizadas. Actualmente são mais de três centenas e cobrem a quase totalidade do país.

Os tempos mudaram e a caridade inicial e a solidariedade não chegam para gerir os desafios que são colocados às Santas Casas. A tentativa nos últimos anos foi no sentido da profissionalização da gestão.

Hoje, as misericórdias, com excepção da de Lisboa, constituem Instituições Particulares de Solidariedade Social, ou seja, entidades constituídas sem finalidade lucrativa, por iniciativa privada, com o objectivo de responder ao dever moral de solidariedade e justiça social entre os indivíduos. Não pretendem substituir o Estado, mas respondem a muitas das necessidades da população portuguesa que as entidades responsáveis pela segurança social, saúde e educação não conseguem resolver.

# A caridad

Teresa Florença (texto)
Agostinho Spínola (fotos)

Após um grande periodo de inactividade, a Misericórdia de Machico foi reactivada há cinco anos por um grupo de irmãos, que se mobilizaram no sentido de dar resposta a algumas das carências da população de Machico.

A ideia nasceu e - com apoio da Câmara Municipal de Machico e da Secretaria Regional de Assuntos Sociais - foi possível construir um Centro Intergeracional.

Hoje, o espaço integra um lar com capacidade para 70 idosos, um centro de dia para 50 utentes, um centro médico e de reabilitação e um infantário que recebe 104 crianças.

O DIÁRIO visitou a instituição e observou a sua dinâmica. No centro de dia, alguns idosos pintavam e outros utentes preparavam materiais para a "lapinha". Alguns alunos da Universidade da Madeira visitavam o local para observar o trabalho diário que ali decorre. A instituição recebe alunos estagiários da Escola de Enfermagem São José de Cluny e da Universidade da Madeira.

«Penso que a Santa Casa da Misericórdia de Machico é uma referência em termos de lar, pelos cuidados médicos e de enfermagem que possui, para além da alimentação e serviços básicos que presta», diz Eulália Remesso, coordenadora administrativa do lar desde 2001, a propósito dos serviços que ali são facultados.

Longe vão os tempos em que as misericórdias viviam da caridade. Hoje «viver da solidariedade social é complicadíssimo. Às vezes, há pessoas que fazem donativos financeiros e em espécie, mas não podemos viver à espera. Existem compromissos financeiros que têm que ser cumpridos todos os meses. Temos que nos regular pelas nossas fontes de receita. Vivemos do nosso esforço como instituição», afirma a coordenadora relativamente à gestão.

O pagamento dos idosos não chega. Eulália Remesso admite que não é fácil gerir a instituição, «porque a valência lar é extremamente deficitária. O que nós conseguimos não dá para cobrir os custos, porque nós prezamos a qualidade dos serviços que prestamos e as pessoas acamadas precisam de cuidados específicos. Sendo assim, um lar não é lucrativo nem se pretende que seja. Não é essa a finalidade. O que pretendemos é que as pessoas vivam com qualidade a última fase da vida», afirma.

Em termos de contributos financeiros há uma parceria com o Centro de Segurança Social da Madeira que concede apoios através de protocolos celebrados anualmente. «Por cada cama